



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE TECNOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

PALOMA DA SILVA AMORIM

**HISTÓRIAS, DESAFIOS E SONHOS DAS MULHERES DA FEIRA
AGROECOLÓGICA DE SUMÉ-PB**

SUMÉ - PB

2024

PALOMA DA SILVA AMORIM

**HISTÓRIAS, DESAFIOS E SONHOS DAS MULHERES DA FEIRA
AGROECOLÓGICA DE SUMÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.

SUMÉ - PB

2024



A524h Amorim, Paloma da Silva.
Histórias, desafios e sonhos das mulheres da
Feira Agroecológica de Sumé-PB. / Paloma da Silva
Amorim. - 2024.

45f.

Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima
Meira Vital.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia.

1. Mulheres feirantes. 2. Feira agroecológica de
Sumé-PB. 3. Mulheres agricultoras. 4. Agroecologia.
5. Gênero. 6. Associação dos Produtores da Feira
Agroecológica de Sumé-PB. I. Título. II. Vital,
Adriana de Fátima Meira.

CDU: 631.95(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

PALOMA DA SILVA AMORIM

**HISTÓRIAS, DESAFIOS E SONHOS DAS MULHERES DA FEIRA
AGROECOLÓGICA DE SUMÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.
Orientadora - UATEC/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Vanuse Costa de Oliveira.
Examinadora Externa – CECA/UFAL**

**Professora Dra. Morgana Fabíola Cunha Silva Canuto.
Examinadora Interna – UATEC/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.
Examinador Interno – UAC!S/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 18 de outubro de 2024.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Ao *Jovem Galileu*, que por amor, a Cruz se deu, que por amor, a vida nos devolveu, sem Ele, não haveria eu!

Aos meus pais, Maria do Socorro da Silva e Gustavo Romero Paulo de Amorim, por sempre terem me apoiado em todos os momentos; pelos conselhos e preocupações, que me tornaram um ser humano melhor.

Ao meu irmão Gustavo por sempre lembrar de mim, mesmo eu sendo ausente, gratidão.

A minha irmã Maria Patrícia da Silva Amorim, por ter acreditado que eu seria capaz de concluir o Ensino Superior e me ter dado forças quando eu já não me sentia motivada a continuar; pelos conselhos que me fizeram permanecer nessa graduação, pelas preocupações com o meu desenvolvimento como pessoa. Muito obrigada, irmã!

A Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pela chance da formação em um curso superior.

À Pro Reitoria de Extensão pela chance que tive em vivenciar esse pilar encantador da universidade, aproximando sabers com as comunidades.

Aos docentes do curso Superior de Tecnologia em Agroecologia pela oportunidade dos aprendizados.

A professora Adriana de Fátima Meira Vital, por ter aceitado meu convite em ser minha orientadora nessa pesquisa que tanto me estimulou; pelo apoio e estímulo que sempre me deu no decorrer do curso; pelos conselhos repassados; por me acolher quando entrei no curso; pelas oportunidades nos projetos e por me fazer enxergar o *so/lo* como

o recurso dos recursos, primordial para a nossa sobrevivência e de todos os seres vivos.

Às professoras Adriana, Morgana e Vanuze e ao professor Luan, componentes da banca avaliadora, pela dedicação de tempo na leitura deste trabalho e pelas sugestões.

Aos programas de extensão PASCAR e EDUCASOLOS, pelas lições vividas que levarei comigo para a vida.

Aos meus tios, tias, primos e primas, em especial às minhas tias Maria Solange e Cosete Maria pela ajuda e apoio.

Aos colegas dessa trajetória acadêmica, que me trouxeram alegria, leveza e troca de conhecimentos no decorrer do curso.

Aos benfeitores que me ofereceram carona indo e vindo do campus do CDSA, quando eu já me sentia desgastada com o trajeto.

As agricultoras e agricultores da Feira Agroecológica de Sumé, do qual a participação e disposição em me ouvir foram de suma importância para essa pesquisa se executar, e onde nas oportunidades em que pude fazer parte de suas atividades, absorvi inúmeros ensinamentos e experiências, com estes são os impulsores da alimentação saudável no nosso Brasil.

Ao parceiro do Viveiro de Mudas, Zé Tiano, pela colaboração sempre zelosa nas atividades dos projetos.

Em suma, a todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta na minha formação acadêmica, agradeço.

"Solo sadio, *planta sadia*, ser humano sadio." (*Ana Primavesi*)

RESUMO

A agroecologia precisa integrar cada vez mais as contribuições das mulheres para entender e transformar as relações de poder nos sistemas alimentares. O objetivo desta pesquisa foi investigar, analisar e considerar a autopercepção das mulheres da Feira Agroecológica de Sumé, nas quais elas abordaram desafios e perspectivas relacionadas à sua participação na feira e no cotidiano da vida na agricultura. A metodologia adotada envolveu a coleta de dados quali-quantitativos por meio de entrevistas estruturadas, aplicadas às mulheres da Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé (APFAS), abrangendo 07 mulheres. A análise dos dados foi realizada por meio da tabulação no Microsoft® Office Excel. Das sete mulheres entrevistadas, todas são casadas e apenas uma não tem filho. Para o nível de escolaridade 29% têm o ensino médio completo, 43% o ensino fundamental completo, 15% o fundamental 1 incompleto e 14% possui ensino superior completo. Sobre a participação das mulheres na feira, as entrevistadas mencionaram que é boa e com um número importante (28%), que ainda há preconceito (14%), que as mulheres são um carro-chefe na feira de Sumé (29%) e que poderia melhorar (29%). A vida antes da feira era mais difícil (29%), mais corrida (28%) e parada e sem alegria (43%). Para as conquistas as mulheres da Feira Agroecológica de Sumé mencionaram autodesenvolvimento (28%), independência financeira (43%) e consciência na melhoria na alimentação (29%). As mulheres da APFAS disseram ser felizes e gostar do que fazem, pois saber que estão levando um alimento de qualidade para a mesa dos consumidores e para as suas mesas é o que as impulsiona em dar continuidade aos seus trabalhos. É fundamental não apenas desenvolver e implementar políticas e programas para apoiar as mulheres no sistema agroalimentar sustentável, mas é imprescindível divulgar essas políticas e fortalecer a chegada dos projetos nas comunidades de modo a ampliar a integração da perspectiva de gênero para melhorar os meios de subsistência das mulheres agricultoras e reduzir as disparidades no campo, ampliando as possibilidades do sonhar para construir novas histórias.

Palavras-chave: Mulheres agricultoras, Agroecologia, Gênero.

STORIES, CHALLENGES AND DREAMS OF WOMEN AT AGROECOLOGICAL FAIR IN SUMÉ-PB

ABSTRACT

Agroecology needs to increasingly integrate women's contributions in order to understand and transform power relations in food systems. The aim of this research was to investigate, analyse and consider the self-perception of women at the Sumé Agroecological Fair, in which they addressed challenges and perspectives related to their participation in the fair and their daily lives in agriculture. The methodology adopted involved collecting qualitative and quantitative data through structured interviews with 07 women from the Association of Producers of the Sumé Agroecological Fair (APFAS). The data was analysed using Microsoft® Office Excel. Of the seven women interviewed, all are married and only one has no children. In terms of level of education, 29% had completed secondary school, 43% had completed primary school, 15% had incomplete primary school and 14% had completed higher education. Regarding women's participation in the fair, the interviewees mentioned that it is good and that there are a significant number of them (28%), that there is still prejudice (14%), that women are a mainstay at the Sumé fair (29%) and that it could be improved (29%). Life before the fair was more difficult (29 per cent), more hectic (28 per cent) and dull and joyless (43 per cent). In terms of achievements, the women at the Sumé Agroecological Fair mentioned self-development (28%), financial independence (43%) and awareness of better food (29%). The APFAS women said they were happy and enjoyed what they did, because knowing that they were bringing quality food to consumers' tables and to their own is what drives them to continue with their work. It is essential not only to develop and implement policies and programmes to support women in the sustainable agri-food system, but also to disseminate these policies and strengthen the arrival of the projects in the communities in order to broaden the integration of the gender perspective to improve the livelihoods of women farmers and reduce income disparities in the countryside, expanding the possibilities of dreaming to build new histories.

Keywords: Women farmers; Agroecology; Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mulheres entrevistadas da APFAS.....	20
Figura 2 -	Momentos das entrevistas com as mulheres da APFAS.....	22
Figura 3 -	A pesquisadora em visita aos espaços agroecológicos.....	23
Figura 4 -	Número de filhos das mulheres da APFAS.....	24
Figura 5 -	Escolaridade das mulheres da APFAS.....	25
Figura 6 -	Organização dos módulos fiscais no Brasil.....	26
Figura 7 -	Percepção sobre a participação feminina na feira e na APFAS.....	28
Figura 8 -	A vida antes da feira agroecológica, segundo as mulheres da APFAS.....	29
Figura 9 -	Percepção das mulheres sobre a comercialização de seus produtos na feira agroecológica.....	29
Figura 10 -	Conquistas mencionadas pelas mulheres após o início das atividades na feira.....	33
Figura 11 -	Desafios relacionados pelas mulheres da feira.....	34
Figura 12 -	Percepção sobre as perspectivas para a feira, segundo as mulheres.....	35
Figura 13 -	As artes das mulheres da APFAS: 'fuxico', produção de vasos de cimento-isopor e produção de terra vegetal das entrevistadas.....	35
Figura 14 -	Participação das mulheres da APFAS no Programa Matutando Solos e Agroecologia.....	36
Figura 15 -	A pesquisadora juntamente com o coletivo da APFAS e outras imagens das mulheres da Feira Agroecológica de Sumé.....	44

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APFAS – Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé

CDSA – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

EES – Empreendimento de Economia Solidaria

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMPAER – Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PDHC – Projeto Dom Helder Câmara

PRONAF – Programa de Fortalecimento da Agricultura

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1	A MÃE TERRA E A AGRICULTURA.....	13
2.2	MULHERES AGRICULTORAS E ALIMENTAÇÃO.....	14
2.3	MULHERES AGRICULTORAS, AGROECOLÓGICAS E FEIRANTES....	15
2.4	A ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SUMÉ (APFAS).....	17
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	19
3.2	LOCUS E INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	19
3.3	MULHERES ENTREVISTADAS E SEUS ROÇADOS.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1	REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES DA APFAS.....	24
4.2	A CONSTRUÇÃO E A PARTICIPAÇÃO NA APFAS.....	27
4.3	RELATOS SOBRE O SENTIR DAS MULHERES.....	29
4.4	SOBRE AUTONOMIA, CAPACITAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE.....	42

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar tem sua base na força do trabalho familiar: 80% dos alimentos são produzidos por explorações agrícolas familiares e pequenos produtores de gêneros alimentícios. As mulheres representam cerca de 43% da força de trabalho agrícola nos países em desenvolvimento e desempenham um papel fundamental em todas as fases da produção alimentar, desde a coleta de sementes, preparo do solo, semeadura, tratos culturais, colheita e armazenamento, bem como na comercialização dos produtos.

Apesar disso, as mulheres nas zonas rurais enfrentam a discriminação de gênero, a falta de acesso aos recursos produtivos necessários para a agricultura, aos recursos produtivos e financeiros, às decisões, à educação, à saúde, à extensão rural, aos mercados, além da falta de valorização e reconhecimento familiar e da comunidade e da sobrecarga de trabalho que enfrentam no lar (Niederle et al., 2021; Demetrio et al., 2024).

A presença feminina no campo tem registro no Brasil, desde a década de 1950, com expressiva atuação política no processo de luta pela terra. Nomes como o da sindicalista Margarida Alves e o da líder Elisabeth Teixeira nas Ligas Camponesas são marcos desse momento histórico, o que expressa a força e a determinação da mulher para seguir nas atividades que lhe cabem por direito, como protagonistas de sua própria história (Mendes et al, 2022).

A mulher é mãe como a terra. Sua identificação com a Natureza lhe permite um olhar de cuidado e afetividade com as atividades de produção. É guardiã de sementes, da sociobiodiversidade, da agrobiodiversidade; é cuidadora do solo, protetora das águas, das florestas. Essa relação repercute no entrelaçamento da mulher com a Agroecologia, com a soberania alimentar, com a economia solidária, movimentos alinhados no seu desejo de trabalhar para a construção de outras formas de estar no mundo e reformular as relações de poder (Bruil et al., 2020).

A Agroecologia pode criar melhores oportunidades para as mulheres em vários níveis, seja por criar oportunidades de integrar diversas tarefas de trabalho e formas específicas de saberes e fazeres, proporcionando um papel diversificado para economia familiar, desafiando as estruturas patriarcais dentro da unidade familiar; seja por permitir a partilha e a aprendizagem de novas estratégias de produção, abrindo

espaços e oportunidades para tecer novas conexões com o fazer cotidiano. Isso porque a prática agroecológica reconhece e valoriza seus saberes nas diversas características e realidades de cada contexto (Altieri 1995; Gliessman 2016).

A Agroecologia que segundo Caporal e Costabeber (2001) pode ser entendida como um “enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis”, pode ajudar as mulheres agricultoras a conquistar mais autonomia a partir do conhecimento, permitindo-lhes reduzir as relações de dependência e abrindo espaço para que estas ganhem espaço, sejam ouvidas, vistas e valorizadas (Ferreira, 2016).

Nesse entendimento, a presente pesquisa buscou contribuir com a construção do conhecimento agroecológico a partir do olhar sobre o trabalho das mulheres agricultoras feirantes da Associação dos Produtores Agroecológicos de Sumé (APFAS).

O objetivo do trabalho foi apresentar a percepção das mulheres da Feira Agroecológica de Sumé sobre sua participação, desafios e perspectivas, como forma de apoiar as iniciativas destas, buscando colaborar com a elaboração de políticas públicas capazes de estimular o reconhecimento da mulher agricultora agroecológica em seus fazeres e saberes.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A MÃE TERRA E A AGRICULTURA

A vida terrestre se assenta no solo, na terra. Este fato tem um significado bem profundo se considerarmos as formas como dependemos deste “grande organismo vivo”, costumeiramente denominado apenas de ‘recurso natural’. Para além de constituir um suporte para a vegetação, suas características têm implicações profundas nos tipos de atividades que nele se podem desenvolver e no seu significado de acordo com as relações culturais que nele são estabelecidas. Essa é uma relação de conexão expressiva da Mãe Terra, de sua fertilidade e da agricultura para a produção de alimentos (Shiva, 2006; Moraes, 2018).

Pachamama é considerada como a Mãe Terra e reside no solo, cuidando do bem estar da Natureza. Como a agricultura é uma parte desta, a *Pachamama* também cuida dela, controlando especialmente o clima e a fertilidade do solo de modo a que sua funcionalidade seja exitosa. Por isso, na tradição dos povos que reverenciam *Pachamama* (andinos), é necessário fazer ofertas de rituais à Mãe Terra (Racedo, 2005).

A adoção de práticas de conservação e regeneração para manutenção da saúde do solo é, para muitos povos, um esforço espiritual para agradar à Mãe Terra, que recompensará com condições climáticas adequadas, fertilidade do solo e colheitas abundantes (Winklerprins e Sandor, 2003).

Nesse entendimento, a terra (o solo) pode ser vista como a grande mãe, numa interconexão com a produção agrícola, extremamente dependente de sua fertilidade. É o ser feminino gerando vida!

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com a perspectiva de gênero, cerca de 15 milhões de mulheres vivem na área rural, o que representa 47,5% da população residente no campo no Brasil (IBGE, 2018). Esse dado importa porque é possível observar a expressiva presença feminina nas atividades do campo, o que é importante dado a ser analisado nas questões das relações de gênero, pois somente assim poderemos compreender a realidade das mulheres na sociedade, inclusive no espaço rural (Magalhães, 2009; Schneider et al., 2020).

Todavia, relativo à divisão de atividades, Neves e Medeiros (2013), colocam

que geralmente cabe ao homem a responsabilidade do serviço produtivo da agricultura e a mulher o trabalho pertencente a cuidados domésticos de caráter reprodutivo, mas estudos apontam que os trabalhos da mulher rural não estão apenas ligadas ao cuidado reprodutivo, pois as mulheres realizam expressiva soma de tarefas em lavouras e na produção de alimentos, na articulação e na mobilização social, embora não sejam reconhecidas como componentes produtivas da agricultura (Gavioli e Costa, 2011; Amorim et al., 2015).

Verifica-se, portanto, a necessidade da busca pela construção de uma identidade de gênero na qual as mulheres possam ser reconhecidas de forma igualitária por seus trabalhos nos roçados, em casa, nas associações e na comunidade. No âmbito rural, sobretudo, é essencial o reconhecimento e valorização da mulher agricultora e feirante, dando atenção ao seu trabalho na reprodução, como na produção da geração da renda familiar (Deere e León, 2002).

Em suma, ao se falar da agricultura é necessário considerar o papel imprescindível da mulher no espaço rural, no campo e sua luta diária na sustentação da prole, da produção de alimentos. É fundamental atualizar conceitos e desfazer os equívocos, os erros, abrindo espaço, entender a Mãe Terra e a mãe agricultora e convertendo em possibilidades reais esse entrelaçamento geradores do protagonismo feminino no campo.

2.2 MULHERES AGRICULTORAS E ALIMENTAÇÃO

As mulheres estão presentes em todas as etapas, setores e atividades dos sistemas alimentares. No seu cotidiano de trabalho na agricultura familiar, elas realizam a maior parte do trabalho no cuidado com o solo, na organização dos roçados, na proteção de sementes nativas, das plantas medicinais, na produção de alimentos saudáveis em hortas e jardins produtivos, na criação de pequenos animais, na escolha da produção e na comercialização nas feiras.

As mulheres são guardiãs da terra, das sementes e da alimentação. Sua inestimável contribuição para a soberania alimentar é expressiva por toda parte e é crucial o engajamento de todos os setores para garantir o reconhecimento das mulheres agricultoras, camponesas e produtoras de pequena escala nas estruturas de políticas que protegem os direitos às sementes, à terra e aos alimentos.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2023), as mulheres produzem entre 60 e 80% dos alimentos na

maioria dos países em desenvolvimento e são responsáveis por metade da produção mundial de alimentos, mas seu papel como produtoras e fornecedoras de alimentos - e sua contribuição fundamental para a segurança alimentar das famílias - só recentemente está sendo reconhecido.

As mulheres são essenciais para a agricultura de pequena escala, para o trabalho agrícola e para a subsistência diária das famílias, o que vale dizer, para a segurança alimentar que, tecnicamente é definida não apenas em termos de acesso e disponibilidade de alimentos, mas também em termos de distribuição de recursos e da capacidade de produzir alimentos, bem como do poder de compra para adquirir alimentos onde eles não são produzidos.

Para além disso, as mulheres agricultoras são ainda responsáveis pela maioria das tarefas domésticas, tentando conciliar tempo para as inúmeras atividades. Apesar disso, elas sofrem desigualdades de gênero nos salários e formas subordinadas de participação no mercado de trabalho, além de serem vítimas de violência física, sexual e psicológica, cuja incidência tem aumentado consideravelmente (Campbell, 2020).

Mas quais as conexões do trabalho das mulheres e a qualidade de vida delas, suas representações, perspectivas e desafios? As atividades das mulheres na agricultura familiar mostram em todos os locais a carga de trabalho total implicada nas tarefas relacionadas à produção de alimentos. Por isso, no setor da agricultura é fundamental ouvir a voz das mulheres nos diferentes níveis da política agrícola e dos processos de tomada de decisão, uma vez que a posição das mulheres e sua ação é reconhecidamente importante para a promoção da eficiência e eficácia da sustentabilidade. A liderança das mulheres tem sido cada vez mais considerada fundamental para alcançar sistemas agroalimentares saudáveis, produtivos, sustentáveis, com o máximo de conservação ambiental e resistentes às alterações climáticas que terá um papel fundamental no crescimento sócio econômico, no combate à fome e à pobreza, na inclusão social e na segurança alimentar e nutricional da população (Huyer et al., 2015).

2.3 MULHERES AGRICULTORAS, AGROECOLÓGICAS E FEIRANTES

As mulheres desempenham um papel fundamental na agricultura em todo o mundo. Dados da FAO revelam que 70% do trabalho na agricultura é feito por mulheres (Doss e Sofa, 2007). Estudos indicam que nos países em desenvolvimento, as mulheres tendem a trabalhar muito mais horas do que os homens (FAO, 2020).

Os sistemas agroalimentares são um dos principais empregadores de mulheres a nível mundial e constituem uma fonte mais importante, fonte de subsistência para as mulheres do que para os homens em muitos países. Capacitar as mulheres e colmatar as lacunas de gênero nos sistemas agroalimentares aumenta o bem-estar das mulheres e dos seus agregados familiares, reduzindo a fome, aumentando os rendimentos e reforçando a resiliência (FAO, 2023).

Apesar da importância dos sistemas agroalimentares para a subsistência das mulheres e o bem estar de suas famílias, o papel das mulheres tende a ser marginalizados e as suas condições de trabalho são provavelmente piores do que as dos homens - irregulares, informais, pouca oportunidade de ser qualificada, de mão de obra intensiva e, portanto, vulneráveis. As mulheres também têm maiores encargos com cuidados não remunerados, limitando as suas oportunidades de educação e emprego (FAO, 2023).

A participação das mulheres no ciclo de produção de alimentos, considerando a escolha do produto, pré-plantação, plantação e manejo e manutenção das culturas, colheita e transformação, e venda e comercialização é muito expressiva.

O cuidado com a plantação, com a alimentação e com a saúde são pontos que mostram-se vinculados ao fazer das mulheres, como pontos de destaque na produção agroecológica dos espaços familiares de produção, mas, apesar desse potencial de inclusão produtiva e fortalecimento da agricultura familiar, ainda se expressam as profundas desigualdades que marcam a participação da mulher na produção agrícola (Zavala, 2019).

A feira naturalmente é um espaço plural de socialização de saberes e fazeres, estando intrinsecamente ligada ao centro de vida natural e de vida social (Carvalho, 2019). É um espaço fundamental para o crescimento da economia local.

Na cultura nordestina, a feira significa um espaço que, além de mostrar a produção alimentícia, apresenta a cultura do artesanato a partir de materiais como rendas, produtos de barros, couro e palha.

Na feira é possível acompanhar a luta das mulheres feirantes, muitas vezes vivendo um processo de invisibilidade ou, no extremo, à exclusão social e profissional, pela negação do acesso aos direitos fundamentais à cidadania. Apesar disso, na dinâmica da feira as mulheres vivenciam experiências diversas, memórias e partilhas do cotidiano, desde as mais simples até as mais complexas. São orientações, conversas, risadas, escutas somente pertencentes ao universo feminino, em que pese

os desafios vividos no transcurso do roçado até a banca.

Para Altieri (2004) os espaços ligados às feiras agroecológicas permitem a valorização do trabalho dessas mulheres, na medida em que elas passam a ser protagonistas ou dividem a gestão agroecológica e a comercialização das feiras. Burg (2005) sugere que a Agroecologia pode estimular a conversão almejada pelos movimentos das agricultoras, ao dar destaque ao trabalho feminino, seja pelo movimento em defesa da Natureza ou de seus direitos, escolhendo modos de produção mais equilibrados, numa sugestão contínua de cuidado com a vida, como é oriundo da mulher, que é mãe, geradora de vida.

2.4 A ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SUMÉ (APFAS)

A participação nas associações pode proporcionar benefícios significativos aos pequenos agricultores, incluindo o aumento dos rendimentos e a redução dos riscos. Pode permitir que os agricultores juntem recursos; aumentar o acesso e reduzir os custos dos serviços de mercado e os custos de transação do envolvimento no mercado; e aumentar o acesso à informação, o poder de negociação e as oportunidades de acrescentar valor e melhorar as competências. Reduzir os custos do comércio intermercado e melhorar o acesso a tecnologias inovadoras e ativos produtivos e o empoderamento das mulheres, permitindo que as mulheres acessem diretamente os mercados e serviços para melhorar os seus meios de subsistência (IICA, 2021).

O empoderamento das mulheres e a igualdade de gênero são extremamente importantes para o bem estar das mulheres e dos homens, bem como para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o ODS 5 nos convida a refletir sobre como alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento feminino até 2030.

Em Sumé (Paraíba) a feira Agroecológica teve início em 2007, sendo mediada pelo Projeto Dom Helder Câmara (PDHC) com o início de uma política pública, que foi executada pelo Fórum de Desenvolvimento Territorial do Cariri Ocidental, envolvendo a preocupação com a saúde e com a preservação ambiental (Ramos,2013).

A Associação de Produtores da Feira Agroecológica de Sumé atualmente conta com 21 associados, sendo 13 atuantes nos espaços da feira, onde estes produzem e

comercializam seus produtos às Segundas-Feiras no Mercado Público de Sumé, os produtos ficam expostos em bancas feitas de alvenaria, no início do Mercado Público em um espaço atualmente coberto, os agricultores que comercializam os seus produtos estão organizados na Associação de Produtores da Feira Agroecológica de Sumé (APFAS) sendo o Sr. José Maria Alves de Araújo, o atual presidente da associação.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

Os procedimentos adotados para a condução desta pesquisa apresentam natureza qualitativa, em que há preocupação com aspectos da realidade que não podem ser representados por fenômenos numéricos, uma vez que buscou-se compreender e evidenciar as representações e percepções da dinâmica das mulheres da APFAS (Silveira; Córdova, 2009).

Quanto ao tipo de pesquisa, se classifica como pesquisa descritiva, que busca descrever características de determinado fenômeno, não tendo compromisso em explicar os fatos que descreve, embora seja de base para tal explicação (Vergara, 2013).

Quanto aos procedimentos utilizados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida através de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, no qual se permite uma ampla investigação e cobertura dos fatos (Gil, 2019).

O trabalho compreendeu ainda um estudo de caso, iniciado com uma busca da literatura (Yin, 2015). De acordo com Estrela (2017), o estudo de caso é o tipo mais básico na compreensão de um estudo descritivo, habituando-se a ser a primeira abordagem de um tema, sendo utilizado para avaliar problemas em que suas características ainda não foram consideravelmente detalhadas e que ressalta mais aprofundamento permitindo ser detalhado em sua análise (Gil, 2019). A estratégia do estudo de caso teve orientação interpretativista, visto que não se busca generalizar os achados de uma circunstância para todos os outros casos (Stake, 2009).

3.2 LOCUS E INSTRUMENTO DA PESQUISA

A atividade de pesquisa aconteceu com as representantes femininas da APFAS, no município de Sumé (PB), localizado na microrregião do Cariri Ocidental, centro do estado da Paraíba.

O município limita-se ao Norte com São José dos Cordeiros, Amparo e Itapetim (PE); ao Sul com Camalaú e Monteiro; a Leste com Serra Branca e Congo; e a Oeste com Ouro Velho, Prata e Monteiro e possui uma área de 838,071Km², com as seguintes coordenadas geográficas são 07° 40' 18" de latitude Sul e 36° 52' 48" de

longitude Oeste (EMBRAPA, 2006). A população estimada do município é de 17.166 mil habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, 2010) de 0,627 (IBGE, 2021).

A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas que, como explica Severino (2008), é uma ferramenta técnica que aborda informações sobre o determinado assunto, tratando-se de uma interação mais direta e clara entre o pesquisador e o pesquisado.

Foram entrevistadas todas as mulheres agricultoras agroecológicas, associadas a APFAS, que atuam como feirantes no município. Todas as associadas relataram suas percepções e experiências, os principais desafios encontrados e a atuação na Feira Agroecológica de Sumé (Figura 1).

Figura 1 - Mulheres entrevistadas da APFAS.





Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A escolha das entrevistadas ocorreu pela acessibilidade e disposição em participar das entrevistas. As entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2024. Todas as entrevistas tiveram em média a duração de tempo de uma hora, e foram anotadas para a análise dos dados (Figura 2).

Figura 2 - Momentos das entrevistas com as mulheres da APFAS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A fim de assegurar o direito à privacidade das participantes, cada uma delas consentiu em ser entrevistada e observada, bem como foram informadas por quanto tempo participariam da pesquisa (Cooper e Schindler, 2016). Sendo assim, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelas entrevistadas. Para além disso, elas foram identificadas por meio do nome relativos ao Sistema Brasileiro de Classificação do Solo.

A primeira entrevistada da associação foi nomeada como Plintita, a segunda Fragipã, a terceira como Laterita, a quarta Gilgai, a quinta Humina, a sexta Caulinita e a sétima como Argila. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo e incluiu “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2004, p. 33).

3.3 MULHERES ENTREVISTADAS E SEUS ROÇADOS

Participaram da pesquisa as sete mulheres agricultoras feirantes associadas a APFAS da Feira Agroecológica de Sumé. Dessas, cinco acompanham seus companheiros e duas trabalham de forma individual na produção e comercialização.

Apesar de as mulheres serem o foco da presente pesquisa, não se trata necessariamente de uma abordagem de cunho excludente dos homens, ou que

confrontasse homens e mulheres, pretendeu-se apenas evidenciar o trabalho, a participação e a representação da mulher com suas histórias e maneiras de enfrentar os desafios do trabalho e da família para fazer a agroecologia acontecer (Figura 3).

Figura 3 - A pesquisadora em visita aos espaços agroecológicos. “roçado de Fragipã (A). roçado de Plintita (B). Pomar de Laterita (C). quintal agroecológico de Humina (D). roçado de Argila (E). viveiro de ornamentais de Caulinita (F). pomar de Gilgai (G).”

**A****B****C****D****E****F****G**

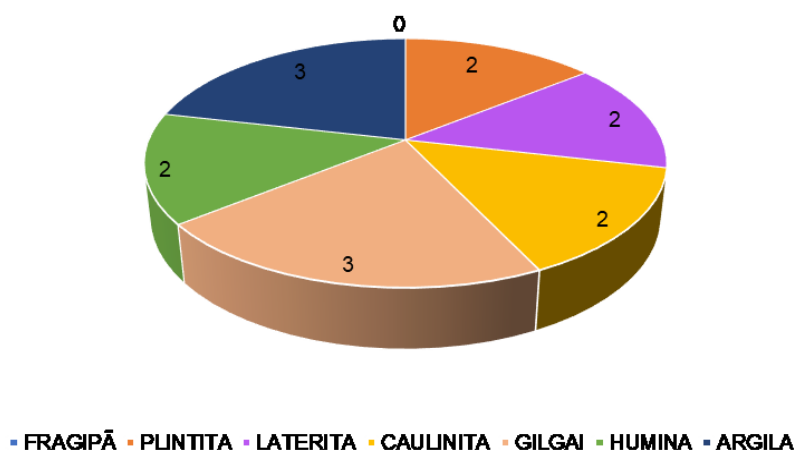
Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES DA APFAS

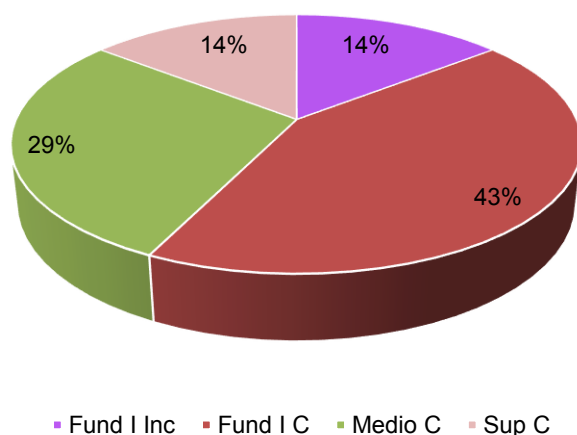
Identificadas de forma afetiva por Plintita, Fragipã, Laterita, Gilgai, Humina, Caulinita e Argila, numa referência à terra e suas características, as mulheres entrevistadas tem faixa etária entre 32 e 64 anos. Do total, quatro são casadas e três solteiras, com relacionamento estável e apenas uma não teve filhos (Figura 4).

Figura 4 - Número de filhos das mulheres da APFAS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Há uma baixa formação educacional para o público feminino o que, segundo Castro (2009), expressa uma realidade muito presente no contexto das populações rurais de várias regiões do País, sobretudo das regiões Norte e Nordeste. O nível de escolaridade variou do Ensino Fundamental ao Ensino Superior (Figura 5).

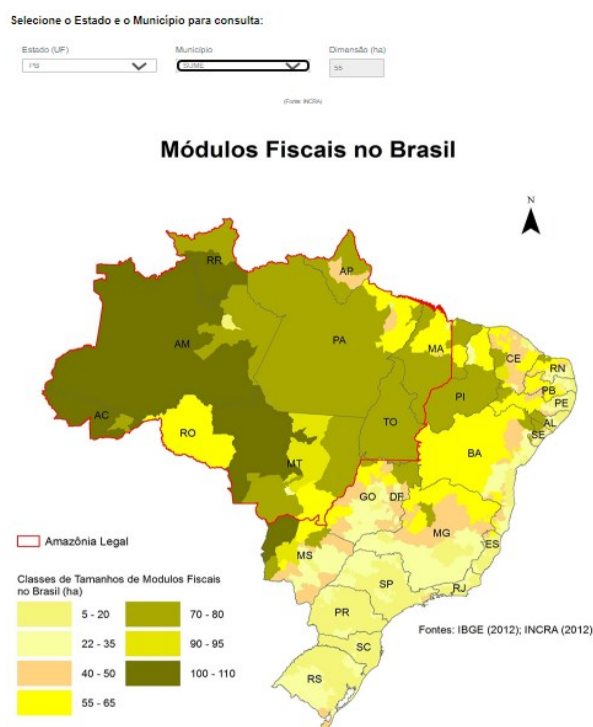
Figura 5 - Escolaridade das mulheres da APFAS.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Erazo et al. (2020) trabalhando com agricultoras de Manaus verificaram a baixa escolaridade das mulheres, e mencionam que a situação pode ser devida à distância, às instituições de ensino que não chegam até as populações rurais.

Spanavello et al. (2022) também observaram que, no que diz respeito à escolaridade, o percentual maior de mulheres que nunca frequentaram escolas, encontra-se nas comunidades rurais da agricultura familiar e Freitas (2011) aponta que são muitos os desafios encontrados no acesso à educação das mulheres agricultoras, como a necessidade de trabalhar na unidade produtiva familiar e a interrupção nos estudos para casar. Todavia, as mulheres entrevistadas falaram da importância da educação para as filhas e filhos, principalmente do empenho para incentivar melhores oportunidades de vida (Figura 6).

Figura 6 - Organização dos módulos fiscais no Brasil.



Fonte: Embrapa, 2024.

A jornada de trabalho na produção agrícola mencionada pelas participantes foi de 32 horas semanais, sem mencionar as atividades do lar, o que representa a dupla jornada de trabalho e expressa, muitas vezes preconceito e discriminação 'devido à prática do machismo em áreas rurais, que reforça a posição inferior das mulheres' (Deere, 2014, p. 188).

No que se refere as características das propriedades das mulheres estão concentradas em propriedades entre 05 e 10 hectares, com baixo grau de tecnificação, de acesso às informações, entre outros. O tamanho da propriedade, insere-se no fixado pelo Incra para 'módulo fiscal', que estabelece:

- (a) o tipo de exploração predominante no município (hortifrutigranjeira, cultura permanente, cultura temporária, pecuária ou florestal);
- (b) a renda obtida no tipo de exploração predominante;
- (c) outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada;
- (d) o conceito de "propriedade familiar".

O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares, sendo que a pequena propriedade compreende imóvel de área entre 1 e 4 módulos fiscais. Em Sumé o módulo fiscal é de 55 hectares. Por sua vez, a definição de agricultor familiar e empreendedor familiar rural dada pela Lei nº 11.326/2006 inclui, além do módulo fiscal, o parentesco com o proprietário da terra e a divisão de atividades diárias.

4.2 A CONSTRUÇÃO E A PARTICIPAÇÃO NA APFAS

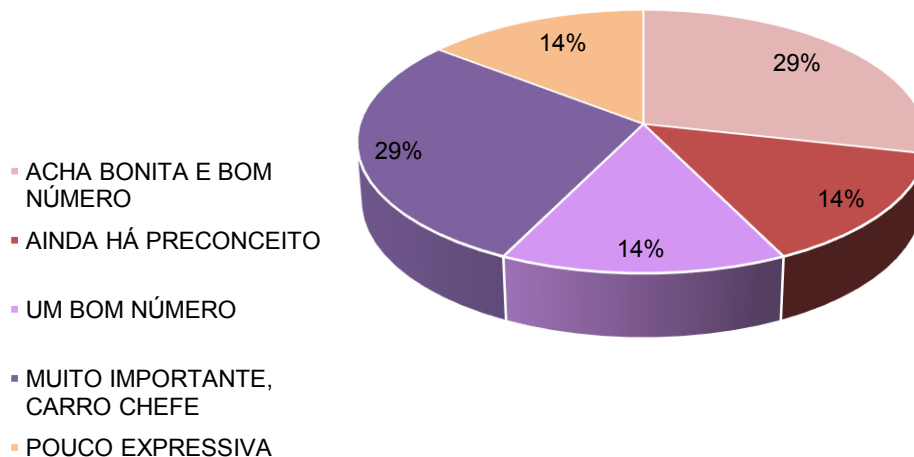
Segundo as informações da pesquisa, a formação da Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé (APFAS) e da Feira Agroecológica teve início em 2007, mediadas por uma equipe do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC), a partir de uma Política Pública que foi realizada pelo Fórum de Desenvolvimento Territorial do Cariri Ocidental, envolvendo agricultores e agricultoras impulsionados principalmente pela preocupação com a saúde e com a preservação ambiental (Ramos, 2013).

Para Plintita que participa da APFAS desde o começo, a atuação da mulher é muito importante, pois para ela, a mulher poder sair e comercializar seus produtos na feira, é muito bom, pois está levando a renda do dia para dentro de casa, ela também diz que se sente muito valorizada pelo que faz, e que hoje em dia recebe o reconhecimento pelo seu trabalho.

Já para Fragipã a participação na APFAS e na feira é importante, pois está levando os produtos naturais para a mesa das pessoas e para a sua mesa também. Ela compartilha com seu marido desde o início das atividades na feira e diz que já existe uma boa parcela de mulheres atuando na feira, umas trabalhando sozinhas outras ajudam seus maridos, ela diz também se sentir valorizada em sua associação.

Para Laterita a feira é um espaço de ancestralidade, passado de família para família, e que faz com que haja continuidade do que foi ensinado para ela. Laterita acredita também que a ocupação das mulheres na feira ainda é pouco, acredita que poderia ter mais mulheres atuando na feira.

Figura 7 - Percepção da participação feminina na feira e na APFAS.



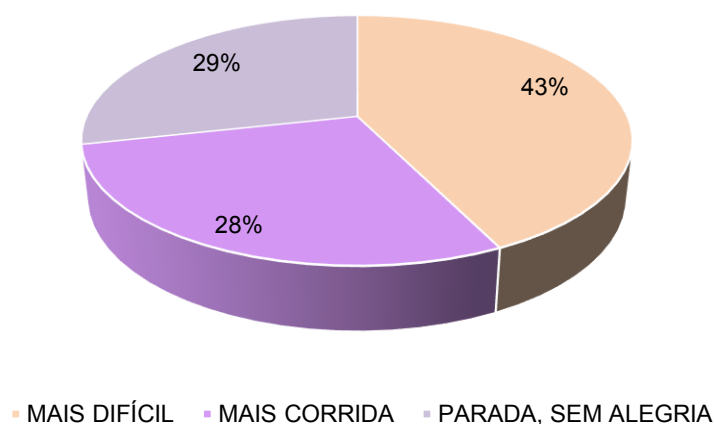
Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Gilgai diz que a sua participação na Feira Agroecológica de Sumé é muito gratificante, é conhecimento adquirido, é uma alegria saber que os produtos que ela vende, levam saúde para as pessoas, e que para ela a vontade de trabalhar, foi o que fez com que ela aprendesse a atuar na feira.

Caulinita retrata que a sua participação na feira foi repassada pelos seu pais, quando ela era pequena, acompanhava seus pais na feira, e que a participação das mulheres são o carro-chefe para complementar o trabalho na agricultura, feiras e organizações. Caulinita diz que se sente motivada a atuar na feira, mas, que tem dias em que se sente menos motivada pois às vezes os produtos da Feira Agroecológica não são valorizados, mas que se sente realizada mesmo assim.

Para as mulheres entrevistadas, a realidade antes da participação na feira era bem diferente, monótona ou cansativa. Segundo dados da pesquisa, a partir do momento que elas começaram a atuar na feira, suas vidas mudaram, tiveram maior participação dentro de casa, ajudaram a complementar a renda da família e começaram a ser vistas, um dos relatos mais recorrentes. Comentaram também que antes de atuar na feira, a autoestima era baixa, ter uma autonomia financeira é tudo para mulher, disseram as entrevistadas (Figura 8).

Figura 8 - A vida antes da feira agroecológica, segundo as mulheres da APFAS.

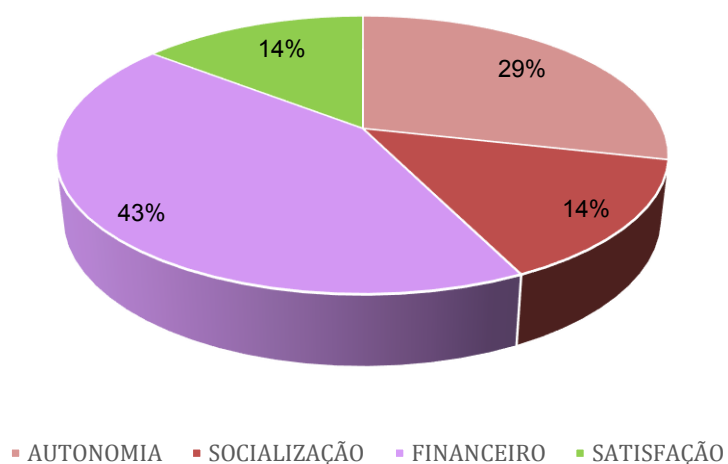


Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

4.3 RELATOS SOBRE O SENTIR DAS MULHERES

Mudanças favoráveis foram mencionadas pelas mulheres entrevistadas, que falaram da alegria de poder sair de casa e estar na feira, da satisfação de serem observadas, questionadas por consumidores de seus produtos e poder tirar dúvidas ou falar de alimentação saudável e, naturalmente da autonomia que sentem que já conquistaram tanto quanto a liberdade financeira (Figura 9).

Figura 9 - Percepção das mulheres sobre a comercialização de seus produtos na feira agroecológica.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A participação das mulheres nas associações e na feira é de extrema relevância para a promoção da sustentabilidade, pensada em seus diversos aspectos. Segundo Francisco e Macedo (2017) a participação destas em um âmbito institucionalizado potencializa a capacidade de efetivação de políticas públicas voltadas para as suas demandas locais e Abramovay (1997) relata ainda que a participação das mulheres garante a existência de um tecido social que vai gerar diversas atividades além da própria agricultura.

Questionadas sobre possíveis mudanças que a participação na feira proporcionou em suas vidas, algumas agricultoras se reportaram a sua valorização, ao respeito dos consumidores, a liberdade, mas também ao entendimento do controle das pragas de maneira ecológica, ao cuidado ambiental, ao olhar o solo com olhos que enxergam a vida:

“A feira mudou tanta coisa; desenvolvi muito quando comecei a trabalhar. Antes era matuta e nem entendia a importância do solo, embora vivesse na roça” (Plintita)

“Mudou minha preocupação com a forma de cuidar da produção, usando caldas para produzir um alimento de qualidade, ajudou a saber a origem do alimento, coisa que antes eu não dava importância.” (Fragipã)

“Mudou muita coisa: o trabalho aumentou, as responsabilidades também; mudou pra melhor e eu sou feliz dessa forma, além disso, receber os consumidores e visitantes na minha área de produção é uma das minhas maiores alegrias” (Humina)

“Mudou tudo. Praticamente da água para o vinho! Alcancei minha autonomia financeira e o respeito dos consumidores.” (Caulinita)

“É muito bom, quando a gente passa muito tempo sem ir sente falta, é bom estar lá, conversar, trocar ideias.” (Argila)

“Se não tivesse a feira, eu nem iria pra rua, por conta dos serviços da casa e do campo; na feira posso conversar, falar das minhas coisas.” (Argila)

“Eu tinha ansiedade também, e depois que eu comecei a trabalhar plantando e colhendo eu melhorei, deixei até de tomar o medicamento que eu tomava.” (Fragipã)

Um dos ganhos concretos desses processos é o fato de que as mulheres passam a ser protagonistas não só de suas lutas, mas de suas próprias vidas. Nesse entendimento, Jancz et al (2018) reportam que as mulheres avaliam sua participação nos ESS não apenas do ponto de vista do retorno financeiro, mas do aprendizado, da convivência e da possibilidade de tratar temas fora do cotidiano.

Segundo dados da pesquisa, para Fragipã ter a certeza de que está levando produtos naturais para a mesa do consumidor e para a sua mesa é muito importante, e ela gosta de trabalhar no seu roçado. Fragipã fala que antes de trabalhar na feira a sua vida era muito agitada porque ela trabalhava em outra cidade e quando começou a trabalhar na feira, a sua vida tranquilizou. Fragipã fala que antes de trabalhar na feira ela não tinha atenção com os alimentos, não dava importância de saber a origem dos alimentos, o que passou a valorizar depois que começou a trabalhar na feira agroecológica, e que para atuar na feira agroecológica, os associados foram ensinando uns aos outros.

Para Plintita trabalhar sem venenos é uma riqueza, por trabalharem sem produtos químicos, Plintita diz gostar de ser feirante, apesar da motivação ser pouca por conta do cansaço, mas que já se acostumou, e que é bom fazer o que gosta. Plintita retrata que se sente muito valorizada em sua associação, e que as mulheres são reconhecidas hoje em dia por seus esforços, e que se sente valorizada por seus filhos pelo trabalho que ela faz.

Laterita diz que o espaço da Feira para ela, é um espaço de vendas, trocas de saberes, conversas, e que é um espaço de ancestralidade que foi passado de família por família, mas que as pessoas não valorizam esse trabalho. Gosta de estar na feira, pela ajuda financeira e por dar continuidade ao que foi ensinado a ela e que, gosta de estar pois é uma satisfação por produzir alimentos limpos. E que atuando na feira a alimentação de sua casa ficou melhor por utilizarem produtos naturais, e que trabalhando na feira passou a olhar o solo e a água com cuidado.

Gilgai descreve que o conhecimento passado é muito gratificante, financeiramente é uma ajuda, e que é um prazer saber que os produtos que ela vende leva saúde à mesa das pessoas e diz que a vida mudou depois que passou a atuar na feira, que o seu convívio com colegas melhorou e que até se desenvolveu mais depois que passou a atuar na feira.

Caulinita diz ser uma realização do seu trabalho, por poder vir para feira e ter os produtos que ela planta à venda. Ela retrata que o espaço da feira é essencial para

o encontro de saberes e experiências, sair do isolamento do lar e ter um contato com o seu cliente. Caulinita diz que a sensação de atuar na Feira Agroecológica é boa, e que quando ela não vem sente falta de conversar com os colegas de trabalho e com os clientes. Caulinita fala que depois que começou a trabalhar na feira a responsabilidade aumentou, mas se sente feliz dessa forma, e que para ela representa segurança e certeza de saber o que vende, um produto de qualidade.

Para Humina a feira é muito importante, como se abrisse um portal de novos conhecimentos, libertação e autonomia. Para ela a necessidade de trabalhar foi o que a impulsionou a aprender. E diz que embora tenha mais mulheres, deveria ter mais e que ainda é visto o preconceito, ela retrata que conhece mulheres que tem produtos para vender mas não vende por vergonha, ela diz que se sente motivada a trabalhar na feira e que quanto mais adquire o respeito dos clientes mais sente motivada.

4.4 SOBRE AUTONOMIA, CAPACITAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Todas consideram importante participar dos diálogos e decisões da associação, o que lhes fazem sentir valorizadas. Referente a presença de mulheres à frente de Associações, Sindicatos ou Cooperativas Agrícolas as entrevistadas disseram que hoje tem mais visibilidades. Para Caulinita *“embora as mulheres tenham capacidade, tomar iniciativa de ser a representante ainda é desafiador, porque ainda falta coragem para enfrentar.”*

As decisões de produção agrícola são sempre tomadas com os companheiros e, os produtos comercializados são os que seguem (Quadro 1).

Quadro 1 - Produtos comercializados pelas mulheres da APFAS.

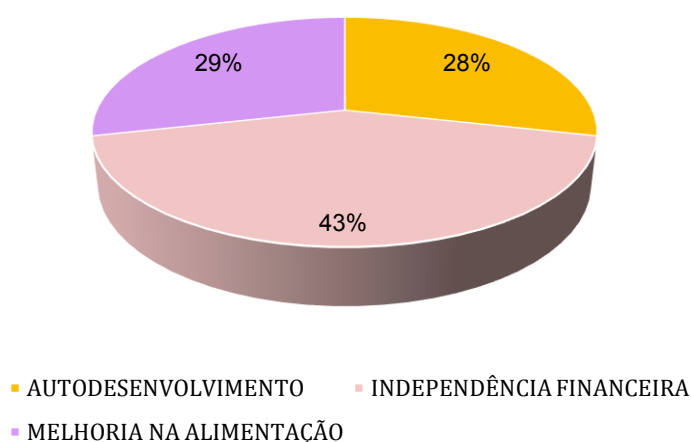
ENTREVISTADA	PRODUÇÃO
Plintita	hortaliças, verduras, frutas, legumes
Fragipã	frutas, verduras, plantas e adubo orgânico
Laterita	hortaliças, frutas, plantas medicinais e ornamental
Gilgai	verduras, legumes, hortaliças, doces e ovos
Humina	verduras, frutas e hortaliças
Caulinita	plantas frutíferas, medicinais e ornamentais
Argila	legumes, hortaliças, café e <i>‘urea de pau’</i>

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Referente a capacitações e treinamentos, as mulheres disseram que ainda não é uma constante; muitas têm buscado informações sozinhas, com familiares e amigos, outras mencionam as ações da própria APFAS, mas que tem encontrado algum apoio ou orientação técnica junto ao CDSA, EMBRAPA, EMPAER e COOPERAR.

Sobre políticas públicas direcionadas às mulheres, foram mencionadas as atividades da Casa da Economia Solidária e o Empreender Mulher (Figura 10).

Figura 10 - Conquistas mencionadas pelas mulheres após o início das atividades na feira.

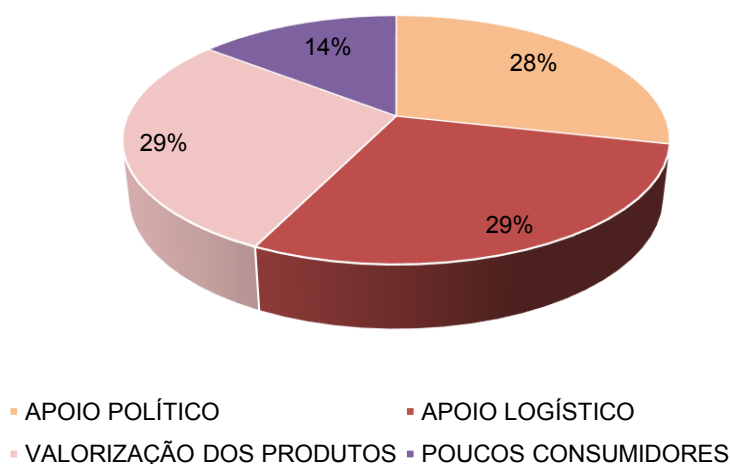


Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

É importante ressaltar que existe um programa específico para as mulheres agricultoras que o Governo criou dentro do Programa Nacional de Fortalecimento da agricultura familiar, uma linha específica para mulheres – PRONAF Mulher, que permite que atividades desenvolvidas por mulheres sejam financiadas para fortalecer sua autonomia, mas nem sempre as mulheres tem conhecimento do programa ou recebem orientações dos órgãos de extensão para acessar.

As mulheres rurais continuam a enfrentar sérios constrangimentos no acesso à educação e aos serviços de extensão, como recursos produtivos (solo e água), oportunidades de emprego digno, participação nas organizações de trabalhadores e de produtores, nos processos de tomada de decisão como nas práticas conservacionistas e de adaptação às alterações climáticas (Figura 11).

Figura 11 - Desafios relacionados pelas mulheres da feira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

As mulheres entrevistadas são, antes de tudo, entusiasmadas com o que fazem, desde o cuidado com o solo dos roçados à comercialização e acolhimento dos visitantes em suas áreas produtivas.

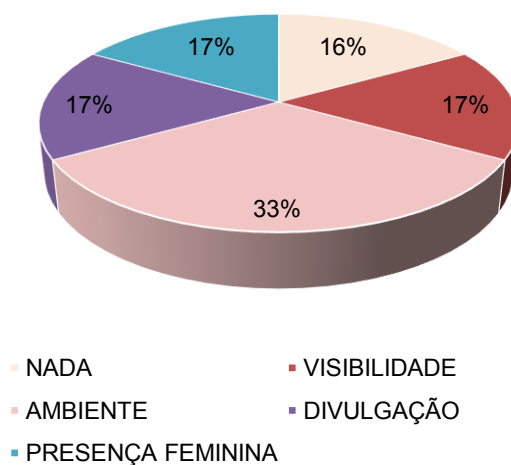
Quanto à adoção de práticas agrícolas no âmbito da agricultura familiar é expressivo o zelo no manejo ecológico do solo, com práticas de compostagem e vermicompostagem, sistema de policultivo e quintal agroflorestal, banco de sementes e uso de gotejamento.

Referente aos anseios e perspectivas, as mulheres falaram sobre a importância de mais presença feminina na feira para fortalecer o associativismo e o apoio às políticas públicas e assistência técnica. Importante ressaltar que a menor participação das mulheres reforça a subordinação delas aos homens, o que retrata um realidade recorrente (Spanevello et al., 2016).

Esse engajamento das mulheres poderá promover mais visibilidade de sua atuação, outro fator de destaque na fala das entrevistadas. Masamha et al (2018), apontam que à medida que se aumenta a igualdade de gênero, com a maior participação da mulher, aumentam também a segurança alimentar, a sustentabilidade do sistema e promove-se a redução da pobreza no agregado familiar.

A divulgação da feira e a melhoria no ambiente de comercialização também foram mencionados como oportunidade de valorização de sua atividade, segundo as mulheres entrevistadas (Figura 12).

Figura 12 - Percepção sobre as perspectivas para a feira, segundo as mulheres.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

O prazer de cuidar da terra, de produzir seu próprio alimento, de ver a produção agrícola agroecológica ser apreciada e de ter expressão é um grande diferencial na vida das mulheres da APFAS. Todavia, outras atividades são desempenhadas para complementar renda e por satisfação pessoal, onde podem mostrar suas habilidades e talentos (Figura 13).

Figura 13 - As artes das mulheres da APFAS: 'fuxico', produção de vasos de cimento-isopor e produção de terra vegetal das entrevistadas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Poder participar de programas de rádio e falar de suas produções, sonhos e conquistas, bem como expressar os desafios da vida na agricultura como forma de

valorizar a qualidade do que é produzido, relacionado com a qualidade de vida e os alimentos saudáveis e as formas de superação das dificuldades é simplesmente um diferencial na vida dessas mulheres. Embora sejam tímidas quando o assunto é aparecer no rádio, as mulheres sentem-se valorizadas pelos convites e por sua participação ao ver os comentários. Para Jancz et al. (2018) o fato de conseguir se ausentar de casa é uma conquista que as mulheres valorizam muito (Figura 14).

Figura 14 - Participação das mulheres da APFAS no Programa Matutando Solos e Agroecologia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou a alegria e a satisfação das mulheres em fazer a agroecologia acontecer, embora muitas vezes os desafios, como a falta de valorização, a visibilidade e organização do ambiente da feira as deixam um pouco desmotivadas, mas não ao ponto de impedir que mantenham acesa a chama da satisfação.

As mulheres citaram que antes da feira e da associação a vida era mais difícil e sem atrativos e que essa mudança lhes trouxe autonomia e visibilidade. Os maiores desafios mencionados são exatamente o apoio político e logístico e as maiores conquistas o autodesenvolvimento, a contribuição financeira em casa e a independência conquistadas.

As mulheres da APFAS disseram ser felizes e gostar do que fazem, pois saber que estão levando um alimento de qualidade para a mesa dos consumidores e para as suas mesas é o que as impulsiona em dar continuidade aos seus trabalhos.

É fundamental não apenas desenvolver e implementar políticas e programas para apoiar as mulheres no sistema agroalimentar sustentável, mas é imprescindível divulgar essas políticas e fortalecer a chegada dos projetos nas comunidades de modo a ampliar a integração da perspectiva de gênero para melhorar os meios de subsistência das mulheres agricultoras e reduzir as disparidades de rendimento entre homens e mulheres, permitindo o sonhar novas possibilidades para construir e (re)construir histórias.

Não importa onde estejam, as mulheres sempre cuidarão da terra, das sementes e da alimentação. Sempre o lado maternal sugerirá quando estiverem capinando, roçando o mato, preparando o adubo orgânico, nutrindo o solo, semeando, manejando e coletando frutos, flores, folhas e grãos.

Para as mulheres agricultoras da APFAS, alimentar sua família e as famílias consumidoras de seus produtos realmente lhes traz felicidade e realização. Saber cuidar e conservar o solo, que preservam o patrimônio local da biodiversidade e que trabalham em defesa da Natureza, além de contribuir com a renda familiar, lhes traz o sentimento de dever cumprido, numa referência a consciência ambiental. E seguem sonhando, cultivando tradições e transmitindo saberes e fazeres às gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Uma nova extensão para a agricultura familiar**. In: Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, 1997.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**, Porto Alegre- RS, editora UFRGS, 2004.
- AMORIM, E. O.; FIÚZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento? **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, n. 1 –Jan./Jun. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70. 2004.
- BRUIL, J.; DELVAUX, F.; DIOUF, A.; HOGAN, R.; MILGROOM, J.; PETERSEN, P.; PRADO, B.; SERNEELS, S. Agroecology and feminist economics: New values for new times. **Farming Matters**, p. 3-6, | October 2020.
- BURG, I. C. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no Sudoeste Paranaense**. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas. 131p. Florianópolis, 2005.
- CAMPBELL, Andrew. An Increasing Risk of Family Violence during the Covid-19 Pandemic: Strengthening Community Collaborations to Save Lives. **Forensic Science International Reports**, v. 2, n. 3, April 2020. Available at: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7152912/> Acesso 09 ago 2024.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. Em: ETGES, V. E. (org.). **Desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Santa Cruz do Sul: EDUSC, p.19-52. 2001.
- CARVALHO, J. C. A. R. Mulheres feirantes: cotidiano, trabalho, protagonismo e articulações femininas na feira livre em Caetité – BA (1991 A 2019). IN: Simpósio Nacional de História, 32, 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2019.
- CASTRO, J. A. Evolução e desigualdade na educação brasileira. **Educ. Soc.**, v. 30, n. 108, p. 673-697. 2009.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 12 ed. New York: AMGH Editora Ltda. 2016.
- COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. **“Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável”**. In: Vela, Hugo. (Org.): Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, 2003. p.157-194.
- DEERE, C. D.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DEERE, C. D. Os direitos das mulheres à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 360

janeiroabril/2014.

DEMETRIO, M.; GAZOLLA, M.; WEDIG, J. C. Valor econômico do trabalho de mulheres rurais em Sistemas Agroindustriais Familiares de Base Ecológica (SAFEs). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.62, n.4, e279993. 2024.

DOSS, C.; SOFA, T. **The Role of Women in Agriculture**. FAO. 2007. Available at: www.fao.org/docrep/013/am307e/am307e00.pdf

ERAZO, R. L; COSTA, S. C. F. das C; SILVA, L. J. S. A importância da mulher na agricultura familiar: Comunidade Lago Janauacá, Careiro Castanho – AM. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 6, n.15, p. 242-255, 2020.

ESTRELA, C. **Metodologia Científica: ciência, ensino e pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2017.

FAO, Women and sustainable food security. Available at: www.fao.org/sd/fsdirect/fbdirect/fsp001.htm

FAO. **The status of women in agrifood systems** – Overview. Rome. 2023. <https://doi.org/10.4060/cc5060en>. Acesso em 10 abril 2024

FERREIRA, A. P. L. “Agricultoras do Pajeú: Feminismo e Agroecologia no semiárido brasileiro”. **Revista Pegada**, v. 17 n.1. Jul. 2016.

FRANCISCO, D. N.; MACEDO, L. A. F. de. Colegiados Territoriais Rurais: a emergência de se preencher os espaços deliberativos e de representação com as vozes do campo. In: VIII Simpósio Internacional De Geografia Agrária (SINGA). **Anais...** Curitiba. 2017.

FREITAS, C. G. de; FARIAS, C. S. de; VILPOUX, O. F. A produção camponesa de farinha de mandioca na Amazônia sul ocidental. Bol. **Goiano Geogr**, v. 31, n. 2, p. 29-42, jul./dez., 2011.

GAVIOLI, F.; COSTA, M. B. As múltiplas funções da agricultura familiar: um estudo no assentamento Monte Alegre, região de Araraquara (SP). **Revista Economia Sociologia Rural**, v. 49, n. 2, p. 449-472, abr./jun. 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

HUYER, S. Closing the gender gap in agriculture. **Gender, Technology and Development**, v. 20, n. 2, p. 105–116. 2016.

IBGE. **Estatísticas de gênero. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica**. n.38. 2018. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf

IICA. InterAmerican Institute for Cooperation on Agriculture. **Women, youth and the agriculture food systems transformation**. In.: Elisa Guaraná de Castro y Luiza Dulci. San Jose, C.R.: IICA, 2021

JANCZ, C.; MARQUES, G.; NOBRE, M.; MORENO, R.; MIRANDA, R.; SAORI, S.; FRANCO, V. **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo: SOF, 2018. 84p

MAGALHÃES, R. S. A masculinização da produção de leite. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 47, n. 1, p. 275-99, jan./mar. 2009.

MENDES, B.; LIMA, M. M. T.; JALIL, L. **Women, food sovereignty and agroecology in Brazil and Latin America context**. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371857664_Women_food_sovereignty_and_agroecology_in_Brazil_and_Latin_America_context_full_text2022_-_Autors_Bruna_Mendes1_Marcia_Tait2_Laeticia_Jalil3. Acesso: 02 set 2024.

MORAES, G. de O. **Harmonia com a Natureza e direitos de Pachamama**. Fortaleza: Edições UFC, 2018. 138 p.

NEVES, D; MEDEIROS, L. (Orgs.) **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

NIEDERLE, P.; SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2021.

RACEDO, J. **Ayer y hoy de una fiesta comunitaria: La Fiesta Nacional de la Pachamama en Amaicha del Valle**. Voces, hechos y memorias, CERPACU, 5: 5–14. 2005.

RAMOS, D. de A. **Caminhos da Agroecologia no Cariri: perfil de produtores e consumidores da produção agroecológica**. UFCG-CDSA. Sumé – PB. Monografia (Tecnologia em Agroecologia). 2013. 45 f.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHNEIDER, C. O.; GODOY, C. M. T.; WEDIG, J. C.; VARGAS, T. De O. Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 2, p. 245-258, abr./jun. 2020.

SHIVA, V. **Manifiesto para una democracia de la tierra: justicia, sostenibilidad y paz**. Traducción de Albino Santos Mosquera. Espanha: Ediciones Paidós Ibérica, 2006.

SILVEIRA, D. T.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. In: SILVEIRA, D. T.; SILVEIRA, D. T. A pesquisa científica: tipos de pesquisa. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. p. 31-37.

SPANVELLO, R. M.; CAMARA, S. B.; ALMEIDA, D. M. De.; BOSCARDIN, M. Caracterização socioprodutiva de mulheres rurais no noroeste do RS. **Revista Grifos**, v. 31, n. 57, p. 1-20. 2022.

STAKE, R. E. **A Arte da investigação com estudos de caso**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

WINKLERPRINS, A. M. G. A.; SANDOR, J. A. Local soil knowledge: insights, applications, and challenges. **Geoderma**, v. 111, n.3-4, p. 165-70. 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZAVALA, R. **O papel da mulher na segurança alimentar**. Portal da FAO. 2019. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/es/c/1238916>. Acesso em: 25 ago. 2024.

APÊNDICE 1

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SUMÉ- PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Venho por meio desta solicitar o seu apoio e a concordância de uso de imagem para o desenvolvimento do Trabalho de Final de Curso intitulado “DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SUMÉ- PB”, a ser realizado por mim PALOMA DA SILVA AMORIM, estudante do curso de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, Sumé-PB. Sob orientação da Pro^a. Dr^a ADRIANA DE FÁTIMA MEIRA VITAL, docente da Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA/UFCG), a pesquisa objetiva evidenciar a percepção e participação das mulheres agricultoras agroecológicas da APFAS (Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé). As informações que serão coletadas na pesquisa irão contribuir para divulgação do trabalho das mulheres da Feira Agroecológica de Sumé.

Sumé, PB _____ / _____ / _____

PALOMA DA SILVA AMORIM
MATRÍCULA 720140062
Acadêmica/Pesquisadora

ADRIANA DE FÁTIMA MEIRA VITAL
SIAPE 1785378
Professora CDSA-UFCG/Orientadora

CIENTE E DE ACORDO

NOME E CPF DA AGRICULTORA

APÊNDICE 2

HISTORIAS, DESAFIOS E SONHOS DAS MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SUMÉ- PB

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

I. DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA

Pseudônimo:

Estado Civil/Número De Filhos:

Idade:

Formação Profissional/Escolaridade:

II. PERFIL DA ENTREVISTADA

1. Onde a Senhora nasceu?
2. Escolaridade e família.
3. Como era sua vida antes de trabalhar na feira?
4. O que mudou na vida da Senhora desde que começou a trabalhar na feira?
5. O que representa para Senhora comercializar seus produtos na feira?

III. AUTONOMIA, CAPACITAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

6. A Senhora costuma participar das reuniões da associação da feira?
7. A Senhora se sente valorizada na sua Associação?
8. A Senhora acredita ser mais fácil hoje ter a presença de mulheres à frente de Associações, Sindicatos ou Cooperativas Agrícolas?
9. A Senhora se sente valorizada em seus trabalhos junto aos seus familiares e consumidores?
10. A Senhora recebeu alguma capacitação ou treinamento antes de começar a participar da feira?
11. Quais as mudanças na sua vida após participar da feira?
12. A Senhora conhece alguma política pública direcionada às mulheres especificamente?
13. Quais os produtos que a Senhora traz para a feira?
14. Quais foram as conquistas notadas pela Senhora após iniciar a trabalhar na feira?
15. O que a Senhora acha que deveria melhorar na feira agroecológica?
16. Quais as instituições são mais presentes e atuantes com as feirantes?
17. A Senhora se sente realizada e feliz com sua atividade na agroecologia?

APÊNDICE 3

Figura 15 - A pesquisadora e o coletivo da APFAS e com as mulheres na Feira Agroecológica de Sumé.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.